

Originalmente publicado em: Actas do 6º Encontro Nacional (4º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração, Braga: Universidade do Minho, Outubro 2006

Coisas que não há que há: a escrita poética para a infância de Manuel António Pina

Sara Reis Silva*

RESUMO

A produção literária de Manuel António Pina, potencialmente destinada a crianças e jovens, constitui o cerne do estudo que pretendemos apresentar. Considerado por muitos como um dos mais inovadores escritores portugueses, intentamos realizar uma leitura mais pormenorizada de duas obras poéticas deste autor, *O Pássaro da Cabeça* (1983/2005) e *Pequeno Livro de Desmatemática* (2001), destacando alguns traços singulares da sua criativa escrita, designadamente de algumas das mais recorrentes estratégias de humor ou de original acção lúdica sobre a língua. Na nossa análise, ressaltaremos temas como a infância, tempo e memória, razão vs. imaginação ou mundo às avessas, e processos técnico-expressivos como o paradoxo, a paronímia ou a reinvenção verbal.

Numa envolvente crónica intitulada «Sintomas de Poesia», afirma, a dado momento, Manuel António Pina:

«A língua tem uma irreprimível “vontade de poesia” e, se não estivermos atentos, ou se nos distraímos e lhe damos um pouco de liberdade e a deixamos respirar, faz poesia. É mais forte do que ela.» (Pina, 2006: 114).

Um olhar mais demorado lançado sobre as obras publicadas por MAP, ao longo das últimas três décadas, faz perceber, de facto, esse encanto quase avassalador que a poesia ou essa língua incontrollável exercem no autor de *Os Livros* (2003). Em MAP, no início (para ser, depois, sempre) foi a poesia, uma poesia que teve como nomes *Ainda não é o fim nem o princípio do mundo calma é apenas um pouco tarde* (1974), *Aquele Que Quer Morrer* (1978) e, mais tarde, *O Pássaro da Cabeça* (1983/2005), que determinou o percurso literário do escritor. Na verdade, em muitos momentos, mesmo quando parece que nos situamos, por exemplo, no universo dramático, como em *O Inventão* (1987), é

*Instituto de Estudos da Criança da UM

a poesia que acabamos por aí presentir. É, pois, possível encontrar diversos fragmentos poéticos em outras obras de potencial destinatário infanto-juvenil, como se verifica, por exemplo, logo na abertura de *O Inventão*, com a epígrafe de estruturação quiasmática «Penso coisas tão profundas e sinto-me tão mal / que penso se não serei um Intelectual. / E penso coisas tão mal e sinto-me tão profundo / que devo ser o Maior Intelectual do Mundo (Pensamento do Inventão)» (Pina, 1987) ou, em *O Têpluquê*, com o poema-pórtico dedicado à Ana no dia dos anos, ou mesmo, ainda, com «Para Baixo e Para Cima» e «Gigões & Anantes», textos presentes na colectânea também assim intitulada (Pina, 1974)¹. Até à data, são, porém, duas as colectâneas poéticas, formalmente diferenciadas, que MAP destina preferencialmente ao leitor infanto-juvenil. Intitulam-se *O Pássaro da Cabeça* (1983) e *Pequeno Livro de Desmatemática* (2001)² e, ainda que distantes no tempo, evidenciam uma pluralidade de traços similares, um conjunto de marcas que, como explicitaremos mais adiante, acabam por diferenciar a poesia de MAP de outras escritas suas contemporâneas.

São dez, regra geral breves, os poemas que constituem *O Pássaro da Cabeça*, um conjunto antecedido pela epígrafe «Um poema é uma coisa sem importância (R. Queneau)³» e que testemunha um estilo muito peculiar anunciado já, como sugerimos, em «algumas poesias incluídas quer entre as narrativas de *Gigões & Anantes*, de 1974, e *O Têpluquê*, de 1976, quer entre as peças de teatro em verso de *O Inventão*» (Gomes, 1993: 26), editadas, pela primeira vez, em 1987, mas levadas à cena pela Companhia de Teatro Pé de Vento entre 1978 e 1983.

Aliás, como, noutro lugar (Silva, 2006), demoradamente explicitámos, em termos estruturais, importa salientar que, entre *O Pássaro da Cabeça* (1983/2005), primeira colectânea poética para a infância de MAP, e as peças de teatro em verso que compõem *O Inventão (Aventuras do Maior Intelectual do Mundo)* (1987), se verifica uma relação simultaneamente de recuperação textual, transmigração ou confluência, na justa medida em que vários excertos desta obra integram, na forma de composições poéticas isoladas e semanticamente íntegras, essa colectânea. Veja-se, por exemplo, que:

a) a composição poética «A Cabeça no Ar», sétimo texto de *O Pássaro da Cabeça* (Pina, 1983: 20), corresponde à primeira intervenção da personagem Dubidu da peça com esse mesmo título do poema, incluída em *O Inventão* (Pina, 1987: 38);

b) esta situação verifica-se também em relação ao poema «Basta Imaginar» (Pina, 1983: 22), que constitui, nesta mesma obra, uma das falas do «Homem que pensa em Pássaros» (Pina, 1987: 38);

¹ De referir, a este propósito, que, na segunda edição (2005) de *O Pássaro da Cabeça*, foram incluídos, numa secção final intitulada «Mais versos», os textos «Para Baixo e Para Cima», «Gigões & Anantes» e «Versos à Ana no dia do aniversário».

² Na capa de *Pequeno Livro de Desmatemática*, pode ler-se «Versos de Manuel António Pina». Na folha de rosto da segunda edição (2005) de *O Pássaro da Cabeça*, também se regista «poemas de Manuel António Pina».

³ Como mencionámos noutro lugar (Silva, 2006), desta epígrafe, da autoria do surrealista francês Raymond Queneau (1903-1976), parece resumir uma certa auto-ironia e, ainda, alguma hetero-ironia, sendo até talvez um disfarçado modo de sugerir o valor «menor» destes poemas «para crianças», em contraste com a escrita para adultos. Além disso, parece introduzir o tópico da desformalização do texto poético, anunciando veladamente o carácter lúdico, decorrente, por exemplo, da valorização da matéria linguística, que marcará não só os textos presentes em *O Pássaro da Cabeça*, mas também, em larga medida, quase toda a escrita de MAP para crianças e jovens.

c) o mesmo se constata em relação a «O Pássaro da Cabeça» (Pina, 1983: 25), que aí surge com o título «Canção do Pássaro da Cabeça» (Pina, 1987: 39).

d) similarmente, é com o poema «Coisas que não há que há» (Pina, 1983: 17-19) que a personagem Inventão abre o texto «A Arca do Não é» (Pina, 1987: 47), também em *O Inventão*;

e) «A Sopa de Letras» (Pina, 1983: 14), terceiro poema de *O Pássaro da Cabeça*, coincide com a segunda intervenção do Inventão, no texto «Anão Anão & Assim Assim» (Pina, 1987: 66-67), em *O Inventão*.

Observa-se, portanto, a inserção semanticamente fértil de fragmentos de uma obra, originalmente divulgada apenas em forma de voz dramática ou de texto-espectáculo (peças levadas à cena pela Pé de Vento), num novo conjunto textual (*O Pássaro da Cabeça*), um processo que resulta numa renovada totalidade, distinta do objecto literário-matriz, e que nos faz encarar as peças de *O Inventão* enquanto pré-textos da colectânea poética *O Pássaro da Cabeça*, um caminho criativo em que se atenuam expressivamente fronteiras entre modos literários, neste caso livremente interseccionados⁴.

Conjunto de textos poéticos aglutinados por um processo de titulação simples, já que é o título do sétimo poema que empresta o nome à colectânea, os textos de *O Pássaro da Cabeça* são o espaço de poetização de temáticas que acabam por percorrer efectivamente toda a escrita de MAP, independentemente do seu potencial destinatário. Na verdade, nos poemas de *O Pássaro da Cabeça*, cruza-se uma pluralidade de tópicos, desde a ruptura da «rigidez» do real⁵ ao tópico do mundo às avessas, passando pelos binómios infância / adultez, aparência / essência, razão / imaginação ou absoluto / relativo, eixos que testemunham essa «lógica dialéctica dos contraditórios» que, por exemplo, Joana Matos Frias considera perpassar «como fio condutor [de] toda a estrutura profunda da obra de Manuel António Pina» (Frias, 2000: 6).

O texto de abertura de *O Pássaro da Cabeça*, «A Ana Quer», introduz, não sem um surpreendente efeito cómico, uma atitude de relativização do real empírico. Neste poema, o sujeito poético joga com a ordem, dilui as fronteiras entre o interior («na barriga da mãe») e o exterior («cá fora») e quebra o inalterável esquema inerente à pontualidade ou à irrepetibilidade do nascimento, à impossibilidade de regresso ao ventre materno e, ainda, do irreversível processo de crescimento. É, pois, o mundo subjectivo e imaginativo da infância que subjaz este texto e outros desta colectânea de MAP, como acontece com

⁴ Em nota de abertura, a anteceder o texto da segunda edição de *História com Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas*, declara MAP: «Algumas pessoas são de opinião que o resultado (este texto, como outros que tenho escrito) não é bem teatro; inclinam-se para reconhecer neste texto, e nos outros textos, uma estrutura mais «poética» que dramática. Trata-se, naturalmente, de pessoas que sabem o que é teatro e o que não é teatro, e o que é poesia e o que não é poesia, e eu tenho imensas dúvidas sobre essa questão (e mesmo sobre se isso é uma questão). Não deixa de ser tranquilizante, em matéria tão perplexa como a literária (o teatro, julgo eu, ou julgo que julgo, só visto, «contado» ninguém acredita...), encontrar gente segura de si e das suas definições de teatro, poesia, prosa, etc. Queira, pois, o leitor chamar a esta «História...» o que entender (teatro, ou outra coisa qualquer); eu chamei-lhe «História com reis, etc.» mas quem sabe qual é o seu verdadeiro nome?» (Pina, 2004).

⁵ A corroborar a prevalência deste eixo temático, veja-se, por exemplo, a inserção de dois poemas de *O Pássaro da Cabeça*, «A Ana Quer» (capítulo 4) e «Basta Imaginar» (capítulo 5), na obra *Isto É que Foi Ser!* (Asa, 2001), de Álvaro Magalhães, tratando-se esta de uma narrativa na qual participa como personagem o próprio MAP e em que se ficcionaliza o desejo de libertação da rígida linha que determina a sucessão natural nascer-viver-morrer. A dado momento, escreve Álvaro Magalhães: «Eu estava com vontade de o ajudar mas não sabia como. Pus-me a pensar e lembrei-me de ter lido uns versos dum poeta meu amigo que se chama Manuel e é o pai da Ana e da Sara. Ele deve saber alguma coisa sobre o assunto – pensei eu – porque o poema é assim: (...)» (Magalhães, 2001: 19 e ss.).

o texto poético com que encerra a obra, «A Canção dos Adultos», por exemplo, que acaba por propor, igualmente, uma reflexão sobre a infância e a adultez e, mais especificamente, sobre o que se «ganha» ou «perde» com o crescimento. O reconhecimento por parte do sujeito poético da crescente incapacidade de compreensão do real ou das suas «coisas grandes» – «o amor que há, a alegria que há» (Pina, 1983: 34) – redundante na oposição aparência / essência.

No segundo poema, em que, aliás, nos reencontramos com a figura infantil de Ana, mas, desta vez, como em outras situações, acompanhada de Sara⁶, a presença da fórmula hipercodificada de abertura «Era uma Vez», aqui transformada em título do texto, faz prever a centralidade do tópico da leitura de histórias ou da viagem por entre os mistérios das letras e das palavras dos livros. O sujeito poético diferencia, assim, as atitudes de Ana e Sara, fazendo sobressair a forma como a primeira saboreia «uma letra de cada vez», bem como o seu carácter sereno e reflexivo, em oposição ao modo ansioso, entusiasmado e «apressado», mas também sonhador da segunda: «(...) A Ana lê e põe-se a pensar / nos quês, nos porquês, nos para quês / e volta atrás para confirmar / porque, afinal de contas, talvez. // A Sara prefere entrar / nas palavras, nos desenhos, e ficar. / Existir no meio das histórias, em vez / de ver, viver; em vez // de pensar, de pausar, de perspicar, / ser ela a ser o que o herói fez. / Sai dos livros sem sair do lugar, / e corre o mundo de lés a lés. (...)» (Pina, 1983: 11-12).

É também de leitura, mas, desta vez, poetizada a partir do recurso a uma realidade metaforizada, a sopa de letras, que trata o poema assim intitulado. Neste terceiro poema, composto por uma estrofe, sendo central a figura de um menino insensível à beleza das palavras, porque desconhecedor desse misterioso código, sugere-se que «saber» as letras é saber o seu «sabor»: «comia coisas lindíssimas sem saber, / mas ele queria lá *sabor!* / Até que um amigo com todas as letras / lhe ensinou a soletrar a sopa. – / E ele passou a ler a sopa toda, / o peixe, a carne, a sobremesa, etc.» (Pina, 1983: 14).

Num tom que apelidaríamos de índole metafísica, nos sete textos que se seguem, percebe-se que, em todos, de uma forma ou de outra, se lida com tópicos como o real e o imaginado / onírico, o poder livre e criador da imaginação ou a liberdade de sonhar. A rejeição em ficar pelo visível, pelo superficial e pelo aparente ou, também, aquilo que António Guerreiro define como a «interrogação sem limites» (Guerreiro, 2004), representam, com efeito, eixos fundamentais destes poemas, testemunhando, assim, que a poesia de MAP se configura «como pergunta o inaceptación, más que como respuesta.» (Villalba, 2005: 204).

Com uma estruturação paradoxal, o texto «Coisas que não há que há», por exemplo, deixa perceber o constrangimento do sujeito poético face à impossibilidade de fazer existir aquilo que é, para ele, uma parte do real, do outro lado do real: aquilo que apenas

⁶ A título meramente exemplificativo, veja-se, a propósito da presença destes dois nomes femininos, a figuração reiterada, nos quatro textos de *Gigões & Anantes* (1974), também de uma personagem chamada Ana, a abertura de *O Têpluquê e Outras Histórias* (1995-2ª ed.) com o poema dedicado «à Ana no dia dos anos», bem como, em «A História do Contador de Histórias» e em «História com os Olhos Fechados», os dois patentes em *Histórias que me Contaste Tu*, a co-presença de ambas. As duas personagens, Sara e Ana, terão sido seguramente inspiradas nas duas filhas do autor, uma opção, aliás, que acaba por parecer justificar-se pelo facto de, como sublinha Maria Leonor Nunes, num extenso ensaio biobibliográfico, as primeiras histórias terem sido escritas «a pensar nas filhas – Sara e Ana – ainda pequenas.» (Nunes, 2001: 16).

se alcança na esfera da imaginação ou no espaço da memória⁷. São, ainda, os *topoi* da imaginação e do sonho, cenários incorruptíveis e seguros de liberdade individual, que prevalecem nos poemas «A Cabeça no Ar», «Basta imaginar», «O Pássaro da Cabeça», «O Aviador Interior» e «Não desfazendo...». A presença reiterada de formas verbais como «sonhar», «libertar», «cantar» e «voar», aliadas a vocábulos como «cabeça», «pássaro», «ar», «asas» ou, até mesmo, «aviador», parece desvelar metaforicamente essa profunda aspiração do poeta em alcançar o inalcançável, em dizer o indizível, em viver livre do outro lado das coisas. Em termos mais específicos, o referido conjunto lexical forma um campo semântico particular que simbolicamente, e em última instância, remete, ainda, para as ideias de espiritualização⁸, de desmaterialização, aligeiramento e libertação⁹, bem como de procura de uma harmonia interior¹⁰.

Em *O Pássaro da Cabeça*, a linguagem, que o leitor inevitavelmente sente como diferente ou motivadora de um sentimento de estranheza¹¹, constitui um «instrumento para um olhar regenerador, um pensamento, uma lógica diferentes» (Blot e Porcher, 1980: 48), fazendo prever a co-existência de um mundo real e de um mundo imaginado. Processos técnico-expressivos como o oximoro, o paradoxo, a antítese, a paronímia (com evidentes efeitos humorísticos¹²), a reinvenção verbal, as estruturas paralelísticas e enumerativas ou a presentificação do discurso contribuem para a construção de um discurso poético marcadamente desautomatizado, para um registo que, a todo o momento, convida à aceitação imediata de um inventivo universo semântico e fónico-rítmico, artisticamente reforçado, ainda, pelas sugestivas ilustrações de Maria Priscila, um conjunto de segmentos em papel recortado em que prevalecem o verde, o vermelho e o azul a representar, por exemplo, «o mundo de pernas para o ar»¹³ ou o voo¹⁴.

O contacto inaugural com *Pequeno Livro de Desmatemática*, operado a partir do seu título, elemento que, desde logo, faz prever simultaneamente a concisão¹⁵ subjacente à macroestrutura textual e o carácter neológico que também o distinguirá¹⁶, suscita também

⁷ «(...) pessoas tão boas ainda por nascer (...) / Tantas lembranças de que não me lembro / (...) países por achar, / (...) tudo o que eu nem posso imaginar / porque se o imaginasse já existia / embora num sítio onde só eu ia...» (Pina, 1983: 19).

⁸ Simbolicamente, o ar representa a espiritualização, a vida invisível e o meio próprio do voo (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 77-78).

⁹ Cf., por exemplo, simbologia das asas (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 92-93).

¹⁰ Cf., por exemplo, simbologia do voo, fundida, aliás, parcialmente com a de Ar (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 700).

¹¹ Glória Bastos (1999), fazendo sobressair a perspectiva de Bernard Blot e Louis Porcher, refere-se à especificidade do discurso poético, sintetizando os seguintes núcleos: «a poesia como linguagem motivada (ambiguidade e pluralidade do discurso poético)»; «a poesia como linguagem redundante (a intensificação emocional e a repetição poética)»; «a poesia como linguagem de estranheza (a transformação do real)» (Bastos, 1999: 159).

¹² Cf., por exemplo, os seguintes versos de «A Sopa de Letras»: «Tinha no prato uma FLOR, / um NAVIO na colher, / comia coisas lindíssimas sem saber /, mas ele queria lá *sabor!*» (Pina, 1983: 14).

¹³ *Vide*, por exemplo, pág. 20.

¹⁴ *Vide*, por exemplo, pág. 29.

¹⁵ MAP, no prefácio da segunda grande secção da obra, refere abertamente o seu propósito de apenas intentar um breve livro: «Ainda pensei em trazer os números primos, as fracções e a malta da geometria, mas ficaria um grande livro e eu só queria escrever um pequeno livro. Além disso, olhei para o relógio e verifiquei que começava a fazer-se tarde (o tempo merecia um livro só para ele!) Ficam todos para outra vez. Talvez.» (Pina, 2001: 39)

¹⁶ Neste contexto, o da expressividade do título *Pequeno Livro de Desmatemática*, é interessante referir que, curiosamente, na versão dactilografada desta obra, antes da sua edição (documento cedido pelo próprio autor a José

no leitor a expectativa de que, nesta obra, é possível a celebração de um encontro – ainda que pouco convencional – entre dois planos fundidos: o plano plurisotópico, subjectivo e conotativo da ficção e o plano objectivo da matemática, enquanto ciência exacta.

Elementos paratextuais como a epígrafe de Agostinho da Silva – como, similarmemente, destacámos relativamente à expressão-pórtico de *O Pássaro da Cabeça* – e os textos prologal e epilodal da última parte («Onde se fala de alguns seres extraordinários») representam, de igual modo, autênticas chaves de leitura da colectânea. Note-se que, desde o início, com a inscrição da autoria de Agostinho da Silva (1906-1994), pensador que sempre sublinhou os limites das ciências exactas ou das soluções positivas, se introduz, como veio temático fundamental, a antítese imaginação / razão. Na exclamação «Que a imaginação te engorde e a matemática te emagreça!» percebe-se, de facto, o jogo enunciado ou uma das dicotomias estruturantes de toda a obra, que instaura uma proximidade bem-humorada entre o autor e a instância receptora, sugerindo, ainda, o desejo de celebração de um encontro desafiador, aberto ao inesperado ou receptivo face ao livre e ao inexacto. A ludicidade também aqui sugerida, à semelhança do que, aliás, se constata quer no próprio título da colectânea, quer na própria componente pictórica da responsabilidade de Pedro Proença¹⁷, quer, ainda, explicitamente, no parágrafo final do epílogo, uma afirmação que o autor pede, de novo, de empréstimo a Agostinho da Silva¹⁸ – «o importante não é ser a matemática um jogo: é mostrar-nos que também o mundo é um jogo...» (Pina, 2001: 57) –, reflecte-se, posteriormente, no corpo da obra, sendo, de modo directo, referida pelo próprio autor textual no segmento prologal da terceira parte:

«Este pequeno livro está cheio de jogos com palavras e com alguns conceitos simples da matemática (por pouco ia a escrever a palavra com letra maiúscula!). Eu gosto de palavras. E de matemática também. Por isso brinco com elas. Brincar é uma coisa muito séria: quem quereria brincar com gente ou com coisas de que não gosta?

Este livro é um livro de “desmatemática” porque, aqui, os personagens da matemática, os números, os sinais, as contas, são tratados como gente, têm sentimentos, sonhos, até fraquezas e defeitos. Como tu e como eu. É um jogo que eu gosto muito de jogar: imaginar como as coisas seriam se fossem ao contrário. Nem imaginas como o “Reino do Des” é às vezes divertido!» (Pina, 2001: 37).

Com uma arquitectura mais complexa do que a que se observa em *O Pássaro da Cabeça*, *Pequeno Livro de Desmatemática* estrutura-se a partir da conjugação de duas

António Gomes, que gentilmente nos facultou a sua consulta), o título registado era apenas *O Livro de Desmatemática*. Comparativamente, a versão final resultou, em nosso entender, mais eficazmente, sendo muito significativa, em termos de ligação à própria estrutura interna da obra e, ainda, aos propósitos do autor, a introdução do adjectivo «pequeno». Importa, ainda, referir que este aspecto corresponde à alteração mais importante verificada entre a versão dactilografada e a versão final editada.

¹⁷ Note-se que o discurso visual deste artista plástico, na obra em apreço, reflecte ou responde às linhas estéticas fundamentais do texto verbal. Pedro Proença pontua, assim, as suas ilustrações de elementos resgatados ao mundo da Matemática: por exemplo, representações de números, de operadores matemáticos e de operações aritméticas. Além disso, nos seus segmentos pictóricos, como acontece nos poemas de MAP, muitos algarismos surgem personificados, sendo pintados com braços, pernas e faces humanas.

¹⁸ Note-se que a opção pela abertura e pelo encerramento da obra com duas afirmações da mesma autoria parece dotar a colectânea não só de uma expressiva circularidade estrutural, mas também de uma sugestiva unidade temática que possui como pilar fundamental o tópico do jogo.

grandes partes modalmente distintas, mas semântica e profundamente ligadas. Assim, à primeira parte, subdividida em «Pequeno Livro dos Problemas» e «Pequeno Livro das Histórias», segue-se «Onde se fala de alguns seres extraordinários», uma secção à qual se encontra subjacente uma construção simultaneamente metatextual e educativa ou informativa, ainda que levemente perceptível e superada pela coloquialidade e pela vivacidade do registo, bem como pelo tom dialógico e interpelativo.

Em «Pequeno Livro dos Problemas», reúnem-se quatro concisos poemas centrados nas operações aritméticas da adição («Um problema de somar»), da subtração («Um problema de subtrair»), da multiplicação («um problema de multiplicar») e da divisão («Um problema de dividir»). Nestes quatro textos, as ideias de desafio, de dúvida, de questão a resolver ou de solução a encontrar são dominantes e é neste sentido que se percebe, portanto, a presença, por exemplo, de expressões interpelativas e interrogativas directas (Pina, 2001: 9, 12), de orações condicionais (idem, *ibidem*: 9, 12) e de formas dos verbos «resolver» (idem, *ibidem*: 9) e «calcular» (idem, *ibidem*: 11, 13). A partir de um exercício lúdico de simulação e imprimindo aos poemas a aparência formal dos problemas matemáticos, MAP desmonta e mescla sentidos de palavras, lança mão de vocábulos da gíria matemática, introdu-los em outros contextos e constrói um discurso figurado ou metafórico, com evidentes efeitos cómicos. Veja-se, por exemplo, logo o primeiro poema desta secção, texto no qual o vocábulo «quântico», termo relativo, por exemplo, à Física ou à Mecânica, se encontra a substituir o determinante interrogativo «quanto», e, ainda, o carácter neológico da palavra «equacinema», nascida da aglutinação de «equação» ou «equacionar» e «cinema»:

«Um problema de somar
Diz-me, se és bom matemático:
2 mais muitos soma quântico?
Se resolveres o poema
Levo-te ao equacinema!» (Pina, 2001: 9)

A secção «Pequeno Livro das Histórias» destaca-se pela narratividade presente na generalidade dos textos que a enformam. Nestes, elementos abstractos do universo matemático surgem personificados, agindo como figuras actantes em pequenas acções, dialogando com outras personagens e expressando algumas das suas angústias e preocupações.

No poema «A triste história do zero poeta», por exemplo, o protagonista é o algarismo Zero, que revela uma densidade psicológica e afectiva muito distante da objectividade numérica, mas muito perto da vivência humana. A manifestação do forte desejo de realização de «um sonho secreto» (Pina, 2001: 18), «fugir para o alfabeto» (idem, *ibidem*: 18) e tornar-se um «O» (note-se, aqui, a aproximação expressiva entre a forma do algarismo «0» e da letra maiúscula «O»), bem como a vontade de «dizer ao mundo» quer os «sonhos de glória, esperanças, / ânsias, melancolia, / recordações de criança», quer «um grande vazio de tipo existencial / e de uma caixa que um tio / lhe pedira para guardar; // e ainda as chaves do carro / e uma máscara de entrudo...» (idem, *ibidem*: 19) – porque «Não tinha bolsos, coitado, / guardava na alma tudo!» (idem, *ibidem*: 19) – fazem deste «zero dado à poesia» (idem, *ibidem*: 18) uma figura simultaneamente dramática

e cómica. Igualmente dramática é a «História de um 1», algarismo já idoso também dotado de alma e de imaginação, que se demorava ao espelho a contemplar o -1. Já nas quatro quadras que constituem «Os conselhos do matemático prudente», último poema de «Pequeno Livro de Histórias», cada uma tendo como mote uma operação aritmética (soma, subtracção, multiplicação e divisão), o discurso afigura-se mais sentencioso ou moralizante, com um dominante tom apelativo, não sem evidenciar um leve carácter humorístico:

«SOMA
Não te fies em balelas
Nem somes mais do que a conta.
Às vezes muitas parcelas
Dão soma de pouca conta...

SUBTRACÇÃO
Cuidado com a subtracção!
Se subtrais soma alheia
Podes ir para a cadeia!
Tenta outra operação...

MULTIPLICAÇÃO
Multiplica, multiplica,
Que é o que faz a gente rica!
Peixes por pães é que não:
É muita multicompliação!

DIVISÃO
A divisão é a arte
De ficar com a melhor parte.
Se duvidas não dividas!
Ou divide só as dívidas!» (Pina, 2001: 34).

Sumariamente, importa, uma vez mais, ressaltar o facto de, nos oito poemas que compõem a secção «Pequeno Livro das Histórias», se observar a presença de elementos marcadamente narrativos, como são os casos da presença de protagonistas e de outras personagens com quem interagem, umas adjuvantes e outras oponentes¹⁹, do discurso directo, de sugestões espaciais²⁰ e temporais, de uma moral²¹ e até de narrativas breves encaixadas nascidas da imaginação, como acontece em «História do i»: «O i, número imaginário / com muita imaginação, / imaginara o cenário / para um filme de ficção. // A história começava / dentro de uma equação (...)» (Pina, 2001: 24). Além disso, à semelhança do que acontece na secção inicial da colectânea, também em «Pequeno Livro de Histórias» se assiste ao jogo lexical a partir da paronímia e da construção neológica

¹⁹ Cf. «(...) e o vilão / era uma raiz quadrada // da fórmula resolvente / assaltava à mão armada / um pobre x que passava, / roubando-lhe o expoente. // O herói, um matemático, / perseguia-a tenazmente / de equação em equação / até uma de quinto grau.» (Pina, 2001: 24)

²⁰ Vide, por exemplo, quadra inicial do poema «A triste história do zero poeta»: «Numa certa conta havia / um zero dado à poesia / que tinha um sonho secreto: / fugir para o alfabeto» (Pina, 2001: 18).

²¹ Vide, por exemplo, quadra final do poema «História de um 1»: «Tirem daqui a moral / os 1 de idade avançada: / um -1 é igual / a 1-1, a nada!» (idem, *ibidem*: 23).

como em «inquoiente» (Pina, 2001: 17) e «multicomplicação» (idem, *ibidem*: 34), bem como à exploração das potencialidades plurissignificativas de termos como «incógnitas», em «Dois anúncios de jornal» (idem, *ibidem*: 28), ou «subtração», em «Os conselhos do matemático prudente» (idem, *ibidem*: 33).

O «desfecho» de *Pequeno Livro de Desmatemática*, como anteriormente mencionámos, ocorre com a secção intitulada «Onde se fala de alguns seres extraordinários». Esta última parte do livro, como refere Maria do Sameiro Pedro, é composta «por textos que narran a historia de determinados conceptos matemáticos (soporte dos poemas incluídos nas dúas partes anteriores), utilizando estratexias articuladas cos datos historicamente situados (por exemplo, ligados á Historia da Matemática); constituíuse así un metadiscorso sobre o xogo creado nas partes anteriores e explicitamente asumido polo autor, o cal recorre á personificación en canto estratexia para referirse a “os personagens da matemática”». (Pedro, 2002: 43).

Dedicados, assim, ao Zero, aos números negativos, aos números imaginários, aos números irracionais e ao ϖ , estes cinco textos procuram facilitar a descodificação dos poemas presentes na colectânea, como, aliás, menciona abertamente o autor, na nota introdutória, ou como sugere, ainda, o convite que lança no segmento epilodal: «(...) apesar de este não ser nem, valha-me Deus, querer ser um compêndio de Matemática (agora já se justifica, se calhar, a letra maiúscula), e ser apenas um pequeno livro de versos (com teoremas escondidos), imaginei que, se tu conhecesses melhor dois ou três dos personagens deste livro, talvez a leitura dele pudesse ser um pouco mais interessante. Por isso te venho apresentar o amigo zero (uma verdadeira nulidade, pensam alguns; o que eles se enganam!), os números negativos, os números imaginários, os números irracionais (raio de nome!), o misteriosíssimo e famosíssimo ϖ . Talvez, quem sabe?, depois de teres conhecido estes, tu queiras conhecer outros.» (Pina, 2001: 39); «Agora que já sabes algumas coisas sobre a vida e as aventuras de alguns personagens do estranho mundo da matemática, gostava de te propor uma experiência: torna a ler os versos. Talvez agora os percebas melhor e, quem sabe?, os aches mais divertidos» (idem, *ibidem*: 57). A proximidade com o leitor e/ou o tom coloquial e dialógico²² que pautam a nota introdutória, que acabámos de citar, comunica-se, ainda, aos cinco textos a que nos reportámos, um conjunto preenchido por dados matemáticos veiculados com rigor e com notório entusiasmo²³.

Em *Pequeno Livro de Desmatemática*, como em *Maldita Matemática!* (1ª ed., 1989; 2ª ed – 2000), de Álvaro Magalhães²⁴, por exemplo, um conto que este autor curiosamente

²² Cf., por exemplo, com a abertura do segmento dedicado aos números negativos «Quando eu tinha a tua idade achava que o zero era uma espécie de espelho oval.» (Pina, 2001: 44) ou do centrado nos números imaginários «A raiz quadrada de um número é o número que, multiplicado por si próprio, dá esse número. Acho que é mais ou menos isto, mas o teu professor de matemática explica-te, de certeza, melhor» (idem, *ibidem*: 47).

²³ Cf. «O ϖ é outro personagem fascinante e misterioso. Anda pelo mundo desde que o mundo é mundo, mas ninguém o conhece inteiramente. É dos números mais irracionais que há... Mas, às vezes, mais irracional parece o afã com que os matemáticos infinitamente puxam pelas suas casas decimais (pelo seu «quase»), que é como quem diz, lhe puxam pela cauda...» (idem, *ibidem*: 53).

²⁴ Nesta narrativa, assistimos à evasão do mundo por parte do protagonista João, uma fuga concretizada através das narrativas ficcionadas que constrói, um conjunto de aventuras encaixadas na (des)aventura que é a sua própria vida, permitindo-lhe viajar livremente a partir do aparentemente rígido mundo da matemática, soltando a imaginação e alcançando uma terra povoada de números. É aí que faz um amigo, o número 7, um «número real no [teu] imaginário

dedica a seu «amigo Manuel António Pina», a poesia e a matemática dividem, assim, o espaço ficcional e acabam por fundir-se.

Comuns a *O Pássaro da Cabeça* e a *Pequeno Livro de Desmatemática* são, à partida, o carácter inovador dos títulos, que, com eficácia, situam o receptor num universo ficcional²⁵, bem como as epígrafes, elementos fundamentais na criação de expectativas e na orientação da leitura da obra. Além disso, como procurámos sucintamente ressaltar a partir de *O Pássaro da Cabeça* e *Pequeno Livro de Desmatemática*, uma leitura global dos títulos que compõem a produção literária de MAP faz pressentir, não raras vezes, uma original intersecção de modos e géneros literários, num percurso criativo em que a possível especificidade de esquemas, formas ou técnicas é destronada pela orientação lúdica e, essencialmente, pelo gosto pela matéria linguística enquanto objecto semanticamente polimórfico, generoso nas suas possibilidades / potencialidades criativas. É, pois, neste sentido que entendemos a afirmação de Arnaldo Saraiva, quando, a propósito da edição de *Algo Parecido com Isto, da Mesma Substância*, obra que reúne a totalidade da poesia publicada desde 1974 por MAP, refere que: «estariamos perante um volume muito mais sólido se ele incluísse, como me parece que devia incluir, textos poéticos aparentemente destinados a crianças (que não deixarão de surpreender ou “tocar” os adultos) como os de *O Pássaro da Cabeça*, *Histórias com Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas*, *O Inventão*, sem esquecer os dois poemas iniciais de *Gigões & Anantes*.» (Saraiva, 1993: 14).

Em termos globais e conforme salienta José António Gomes, MAP herdou das tradições anglo-saxónica e surrealista «a atracção pelo *nonsense*, associando-o a uma irreverência inteligente e a um culto da ironia, do paradoxo e do jogo verbal, que não dispensam a exploração criativa de ambiguidades e aspectos lúdicos da linguagem» (Gomes, 1997: 52), «traços que têm contribuído para individualizar aquela que é uma das obras mais originais do momento» (idem, *ibidem*: 52).

As obras *O Pássaro da Cabeça* e *Pequeno Livro de Desmatemática* testemunham, assim, a sempre desejada e infinita liberdade que a linguagem e os seus usos lúdicos possibilitam, dando corpo, com inovação e criatividade (Lotman, 1975), ao que defende e não se cansa de lembrar o seu autor: «escrever é um espaço e um tempo de liberdade, de “liberdade livre”» (Freire, 1987). Na «complexa simplicidade da sua escrita» (Frias, 2000: 7), quer *O Pássaro da Cabeça*, quer *Pequeno Livro de Desmatemática*, quer, ainda, muitos dos restantes textos de MAP que não nos foi possível incluir no tempo e no espaço desta abordagem, reflectem aquilo que a linguagem estética guarda de libertador e de cognitivo (Corral, 2003). Porque, na escrita, há sempre lugar para muitas «coisas que não há que há».

[do João]» (Magalhães, 2000: 15), que, angustiado com um teste de poesia, confessa: «Estou farto de resolver poemas. Os poemas existem para nós os sentirmos, para gostarmos deles e os tornarmos nossos. Não devem ser resolvidos, devem ser ouvidos como a música...» (idem, *ibidem*: 22). João, por seu turno, tornando-se um «sonhador acordado» (idem, *ibidem*: 16), ainda que não consiga mostrar ao seu professor de matemática, um homem que «olhava o mundo através duns óculos de lentes grossas que faziam com que as coisas lhe parecessem mais pequenas do que eram.» (idem, *ibidem*: 19), aprende que, muitas vezes, apenas a imaginação possibilita a realização de um sonho ou a resolução de um problema (mesmo que este seja de matemática).

²⁵ Sobre este assunto, vide Silva e Azevedo, 2006.

Referências bibliográficas

- ▶ BASTOS, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ▶ BLOT, B. & PORCHER, L. (1980). *Poèmes à l'école*. Paris: Armand Colin.
- ▶ CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.
- ▶ CORRAL, L. S. (2003). *El texto y la competencia literaria infantil y juvenil*, In Cerrillo, P. & Yubero, S. *La Formación de Mediadores para la Promoción de la Lectura* (Contenidos de referencia del Máster de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil), pp. 171-182. Cuenca: CEPLI – UCLM.
- ▶ FREIRE, M. V. (1987). «Manuel António Pina: Con paxaros na cabeza e palabras nas mans.» *La Voz de Galicia*, 9 de Julho de 1987, s/p.
- ▶ FRIAS, J. M. (2000). «Manuel António Pina no País das Palavras de Pernas para o Ar.» *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude]*, 2, Abril de 2000, 6-8.
- ▶ GOMES, J. A. (1993). *A Poesia na Literatura para a Infância*. Colec. «Perspectivas Actuais-Ensaio». Porto: Edições Asa.
- ▶ GOMES, J. A. (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Ministério da Cultura-IPLB.
- ▶ GOMES, J. A. (1997). «Há tantas coisas bonitas que não há – em torno da escrita de Manuel António Pina para crianças.» In *Livro de Pequenas Viagens*, pp. 87-100. Matosinhos: Contemporânea.
- ▶ GOMES, J. A. (1999). «Da poesia para Crianças. Três casos: Maria Alberta Menéres, Manuel António Pina e Regina Guimarães.» *Aprender* (Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre), 22, Julho de 1999, pp. 66-74.
- ▶ GUERREIRO, A. (2004). «O que dizem os livros.» *Actual – Expresso*, 28 de Fevereiro de 2004.
- ▶ LOTMAN, L. M. (1975). *La structure du texte artistique*. Paris: Gallimard.
- ▶ MAGALHÃES, A. (2000-2ªed.). *Maldita Matemática!* Porto: Asa (ilustrações de Bayard Christ).
- ▶ MAGALHÃES, A. (2001). *Isto é que foi ser!* Porto: Asa (ilustrações de José de Guimarães).
- ▶ NUNES, M. L. (2001). «Escrever contra o medo.» *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 811, 31 de Outubro-13 de Novembro de 2001, 14-16.
- ▶ PEDRO, M. do S. (2002). «Breves contornos da poesia para nenos e mozos en Portugal desde os anos noventa.» *Fadamorgana* (Revista Galega de Literatura Infantil e Xuvenil), 8, Primavera de 2002, 41-46.

- ▶ SARAIVA, A. (1993). «Espelho Hesitante.» *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 556, 02 de Março-08 de Março de 1993, 14-15.
- ▶ SILVA, S. R. (2006). «“Juntar os pedaços de todos os livros / e desimaginar o mundo, descriá-lo...”: sobre o fragmentário na obra de Manuel António Pina.» *Forma Breve / 3 – O fragmento*. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas – Universidade de Aveiro (no prelo).
- ▶ SILVA, S. R. & AZEVEDO, F. F. (2006). «*Pequeno Livro de Desmatemática*, de Manuel António Pina: Inventiva estética y competência literária.» *Revista Ocnos*, 2, 123-130.
- ▶ VILLALBA, M. A. (2005). «Sonido y sentido. La poesía en la construcción lingüística y literaria.» In Villalba, Manuel Abril *Lectura y Literatura Infantil y Juvenil Claves* pp. 199-224. Malaga: Ediciones Aljibe.

Textos de Manuel António Pina

- ▶ PINA, M. A. (1974). *Gigões & Anantes e outras histórias*. Lisboa: A Regra do Jogo (ilustrações de João B[otelho]) (2ª ed. – id., 1978).
- ▶ PINA, M. A. (1976). *O Têpluquê*. Porto: A Regra do Jogo (ilustrações de João Botelho); (1995 – 2ª ed. aumentada): *O Têpluquê e outras histórias*. Porto: Afrontamento (ilustrações de José de Guimarães).
- ▶ PINA, M. A. (1983). *O Pássaro da Cabeça*. Lisboa: A Regra do Jogo (ilustrações de Maria Priscila) (2ª ed. – 2005, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições. (ilustrações de Joana Quental).
- ▶ PINA, M. A. (1984). *História com Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas*. Porto: Pé de Vento (figurinos e máscaras teatrais – ilustração de Maria Augusta Araújo). 2ª ed. – 2004. Colec. «O Sol e a Lua». Porto: Campo das Letras / Pé de Vento (Figurinos – ilustrações de Maria Augusta Araújo e Rui Aguiar).
- ▶ PINA, M. A. (1987). *O Inventão (Aventuras do Maior Intelectual do Mundo)*. Porto: Afrontamento (ilustrações de António Lucena; 2ª ed. – id, 1989; 3ª ed. – 1993; 4ª ed. – 2003. Porto: Asa (ilustrações de Luiz Darocha).
- ▶ PINA, M. A. (2001). *Pequeno Livro de Desmatemática*. Lisboa: Assírio & Alvim (ilustrações de Pedro Proença).
- ▶ PINA, M. A. (2006). *Sintomas de Poesia*. *Visão*, 18 de Maio de 2006, 114.